

NO ENTRE-LUGAR DISCURSIVO: GAROTAS DE PROGRAMA E A MATERNIDADE

Mirielly Ferraça¹

A linguagem deve ser pensada como espaço de inquietação, como afirma Orlandi (2001), em que as margens do dizer significam muito mais do que aparentemente se poderia imaginar. A Análise do Discurso entra em cena como uma teoria que possibilita ler esse espaço discursivo criado pelo encontro entre língua, história, ideologia e sujeito, constituindo-se como uma disciplina que busca na não-transparência da história, na não-transparência do sujeito e na não-transparência da língua (sob o signo da articulação entre o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística) *abrir campos de questões*, como propôs Pêcheux (1997), teórico fundador da disciplina. É a partir da Análise do Discurso de orientação materialista que esta pesquisa pretende compreender a inquietante contradição observada no discurso de garotas de programa, já que a teoria propõe uma reflexão sobre a linguagem que não aceita se acomodar nas evidências, não quer reafirmar o que se cristaliza e se cristalizou.

A língua é um espaço contraditório em que se desdobram as discursividades (ORLANDI, 2012), lugar em que se pode perceber os efeitos de sentido determinados historicamente pelas relações ideológicas de uma formação social dada. A tensão e o conflito são aspectos constitutivos da linguagem (LAGAZZI, 1988), por isso é importante não concebê-la como neutra ou transparente, mas encará-la em seu funcionamento discursivo como opaca, repleta de contradições, lugar da repetição e do possível, da submissão e da resistência do sujeito. Para pensar essa tensão e esse conflito que constituem a linguagem, esta pesquisa utiliza

¹ Doutoranda em Linguística pela UNICAMP, orientação de Dra. Suzy Lagazzi. Bolsista CAPES.

como *corpus* entrevistas realizadas com garotas de programa em 2012, em uma boate da cidade de Cascavel-PR².

Tomando como método analítico a Análise de Discurso, percebe-se no *corpus* em questão que o discurso das garotas de programa é enredado por contradições, fruto do cruzamento de formações discursivas e do embate discursivo das diferentes posições³ ocupadas pelas mães, ex-esposas, filhas, moças de família, desempregadas, garotas de programa⁴. No *corpus*, os lugares sociais de garota de programa e mãe, por exemplo, coexistem em meio ao confronto e embate de formações discursivas distintas. Delineados socialmente, tais lugares são tidos como opostos, relação que aproxima o materno ao sagrado e ao divino, e, assim, do outro lado da moeda estaria a garota de programa, associada ao profano, ao pecado. Entretanto, apesar de opostos, no fio discursivo os dois lados da moeda coexistem, constituindo, em meio ao embate de formações discursivas opostas, uma espécie de entre-lugar, um lugar de (des)encontro, que abriga o sujeito no confronto de posições discursivas antagônicas.

Nas SDs destacadas abaixo, é possível perceber o entrelaçar das posições ocupadas:

SD 01) Minha filha tem 14 anos, né? E meu filho tem 12. E... **é o meu foco**, na verdade, né? **Meu e de todas daqui**. Assim, **trabalho assim nessa vida pra dar o melhor pros meus filhos** (Duda – grifos nossos)⁵.

² Pesquisa inscrita na Plataforma Brasil e aceita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

³ Entende-se por posição o lugar de interpelação ideológica a partir do qual o indivíduo se constitui em sujeito. Os sentidos e o sujeito constituem-se a partir dessas posições e das formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito.

⁴ A posição discursiva ocupada por ex-esposas, filhas, moças de família e desempregadas contrasta com a posição ocupada por garotas de programa, visto que entra em jogo o aceito em oposição ao lugar marginalizado da prostituta. Significam-se discursivamente no entremeio de diferentes lugares: garota de programa desliza para o de ex-esposa, lugar bem quisto socialmente associado ao sagrado casamento (apesar disso, para a mulher o divórcio reverbera sentidos negativos); são filhas, ou seja, pertencem ao convívio familiar, relacionadas, assim, a “moças de família”, denominação ressaltada pelas próprias entrevistadas; e se são desempregadas é porque anteriormente eram “empregadas” em profissões não idealizadas, mas aceitas socialmente e tidas como dignas. Todas essas posições que elas tanto ressaltam durante a entrevista, de alguma maneira, contrastam com o lugar da garota de programa, posição marginalizada, não-aceita (embora seja fundamental para o funcionamento social). Tal deslize discursivo coloca o discurso numa rede de sentidos contraditórios.

⁵ As próprias entrevistadas sugeriram um nome para serem nomeadas, respeitando o anonimato das fontes. Ressalta-se que as entrevistas foram transcritas sem correções gramaticais ou inserção livre de complementos.

(SD 02) Então, eles são alguma coisa pra pode alegrá nós por dentro, **pior nós seria se nós tivesse abandonado nossos filhos, tivesse jogado na rua**, alguma coisa assim. **Não. Nós tamo aqui por eles. Por eles que nós tamo aqui. Então, ninguém tem que fala nada.** Só que é feio minha filha sabê, minha filha com 12 anos, que eu tô na zona (Carol – grifos nossos).

(SD 03) Deus o livre... Nunca. Por isso que eu to saindo, minha filha tem doze anos. Deus o livre, ela não é loca. **O que a gente passa por causa deles, imagine um dia ela querê fazê o mesmo que eu? Eu mato ela** (Carol - grifos nossos).

Constrói-se discursivamente uma relação contraditória entre essas duas posições ocupadas pelas entrevistadas: mãe e prostituta. Ser mãe e a imagem que essa posição representa, reforçada pela memória discursiva, o interdiscurso e o pré-construído, instaura a imagem de uma mulher respeitada, associada ao amor divino, ao dom da vida, ser cujo amor incondicional é capaz de realizar sacrifícios em prol dos filhos; sentidos naturalizados, ditos e repetidos pelo senso comum, pelo imaginário cristalizado sobre a maternidade. Em oposição às imagens positivas que se tem da maternidade, a imagem condenada é ocupada pela prostituta, tida como mulher de vida fácil, promíscua, imoral, ocupando o outro lado do pêndulo. Assim, em oposição à imagem “boa” da “mãe de família”, existe a imagem “ruim” e “má” da garota de programa: **“O bom e o mau se encontram numa relação recíproca e constituem um par de conceitos axiológicos inseparáveis e opostos.** Toda concepção do bom acarreta necessariamente, de um modo explícito ou implícito, uma concepção do mau” (VAZQUEZ, 1993, p. 184 - grifos nossos). Tais contradições chocam-se e confrontam-se em duas faces distintas, mas inseparáveis. A dualidade impõe-se de modo a exigir que ambos os lados (co)existam, mas, sob a pena da coerção social, não podem ocupar o mesmo lado da moeda; caso ocupem, a contradição se fixa. E como ocupam o mesmo lado, a contradição torna-se o espaço da confluência entre duas formações discursivas diferentes, em que a linha de tensão tênue que separa uma e outra é o mesmo lugar que possibilita que o sujeito (sobre)viva em ambas as formações. O sujeito se localiza, assim, em um espaço fronteiro, no entre-lugar discursivo.

Na teia discursiva, a posição garota de programa é ocupada porque estão, antes de tudo, na posição materna e por significarem enquanto mães prostituem-se. Os enunciados a) **“Trabalho assim nessa vida pra dar o melhor pros meus**

filhos”; b) **“Pior nós seria se nós tivesse abandonado nossos filhos, tivesse jogado na rua [...]. Nós tamo aqui por eles”** e c) **“Por eles que nós tamo aqui. Então, ninguém tem que fala nada”** mostram esse possível entre-lugar discursivo, lugar que reúne as contradições que existem no choque das posições ocupadas por essas mulheres. Em (a), percebe-se a já dita contraditória relação existente entre pertencer à posição materna e à posição de garota de programa, pois se constituem historicamente numa relação antagônica. Não que garota de programa não possa ser mãe, mas a posição materna relaciona-se com o espaço da casa, associada, portanto, ao lar e à família e, por consequência, a todos os valores (positivos) que estão atrelados a essa instituição, já a garota de programa é relacionada à rua, à liberdade sexual, por isso essa relação de contraste e oposição. Em (b) descrevem o quão boas mães são e que desempenham bem seu papel, pois não são, por associação, mães “desnaturadas”, pelo contrário, elas sacrificam-se pelos filhos, reafirmando o que é definido como natural (quase como biológico) a uma mãe (ou a uma mulher, já que “natural” também é que a mulher seja mãe). Já em (c) há a defesa de fazer o que fazem pelos filhos e a ressalva de que ninguém pode julgá-las por isso, novamente ecoa: “Nós tamo aqui por eles”. Inclusive porque se é afirmado que ninguém pode falar nada é porque existe uma memória que condena a prostituição e a mulher que a pratica.

É como se existisse nesse discurso uma linha tênue de pertencimento às duas formações discursivas, é como se fosse criado um espaço discursivo entre uma posição e outra, possibilitando ocupar ambas, ao mesmo tempo, mas sem que o sujeito desmorone perante as contradições e embates de lugares delineados como distintos socialmente. Parece ser a tentativa do sujeito de pertencer a um mundo semanticamente normal, reafirmando sua condição de sujeito, em um constante processo reiterativo, para se encaixar onde, aparentemente, não existiria encaixe perante os ditames sociais. Zoppi-Fontana (2003), ao citar Pêcheux (1983), comenta sobre a “necessidade vital e linguageira [dos sujeitos] de encontrar pontos de estabilização e normalização do sentido que lhe permitam construir uma ilusão mínima de identidade para si e para o mundo que reclama interpretação”. Toda atividade de linguagem (FUCHS, PÊCHEUX, 2010, p.174) clama por pontos de estabilidade, de ancoragem para o sujeito, “se esta estabilidade falha, há um abalo

na própria estrutura do sujeito e na atividade de linguagem”. Nesse sentido, pensa-se no entre-lugar discursivo como espaço do possível, como lugar fronteiro entre formações discursivas díspares que coexistem entre choques e embates e que permite que o sujeito (sobre)viva nesse entremeio, (sobre)viva no encontro das contradições.

Na SD 02, Carol finaliza dizendo: “Por eles que nós tamo aqui. Então, ninguém tem que fala nada. Só que é feio minha filha sabê, minha filha com 12 anos, que eu tô na zona”. Ora, se existe um “sacrifício” em estar “ali”, ninguém poderia questionar ou mesmo julgá-lo como contraditório, pois, para Carol, uma mãe deve fazer tudo pelos filhos, mesmo que esse tudo seja exercer uma prática moralmente condenada. Apesar da prostituição ser descrita como louvável frente ao sacrifício pelo outro, Carol não deseja que o estereótipo “filha da puta” recaia sobre a filha. A contradição irrompe no discurso sobrepondo as duas posições ocupadas: defende-se a prostituição sob o argumento da maternidade, mas a mesma prática é condenada quando esta é associada a filha. A maternidade justifica a entrada e a permanência na prostituição, mas não resolve a contradição e nem poderia ser resolvida, visto ser constitutiva da língua e do sujeito.

Na SD 03, Carol ressalta: “imagine um dia ela querê fazê o mesmo que eu? Eu mato ela”. A contradição na SD 03 se materializa quando Carol reitera ser uma boa mãe, aquela que se sacrifica pelos filhos, e nesse sentido a prostituição passa a ser significada como a comprovação do desempenho do papel materno, mas é nesse ponto que a contradição se fixa, pois a mesma prática, que é justificada pelo amor materno, não poderia ser exercida pela filha (talvez nem mesmo se a filha se prostituísse também sob o argumento da maternidade).

Entre as duas formações discursivas postas parece existir um espaço que não chega a ser um lugar propriamente dito, nem uma terceira formação discursiva, nem uma formação discursiva híbrida, mas um limiar tênue que localiza a confluência e as contradições de ambas, seria o espaço de (sobre)vivência do sujeito. Os embates e as contradições apontam para a existência possível desse entre-lugar, assim, no estudo proposto, investiga-se um possível deslizar para o conceito de entre-lugar de Silviano Santiago (2000).

Santiago (2000), no texto “O entre-lugar do discurso latino-americano”, tece reflexões acerca da enunciação latino-americana, afirmando que esta ocupa um lugar incerto entre duas posições discursivas, ou, mais especificamente, entre a posição dominante e sua negação pura. O movimento de resistência do colonizado em relação à imposição dos valores do colonizador europeu é localizado pelo autor enquanto um espaço discursivo, sendo este denominado de entre-lugar:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2000, p. 28).

O termo é amplamente utilizado nos estudos literários e culturais, inclusive ressignificado por outros autores. Desliza-se o conceito para o campo discursivo na tentativa de entender ou de explicar esse entremeio em que se localiza o discurso das garotas de programa ao partilharem de formações discursivas distintas. O entre-lugar, no jogo discursivo, seria o espaço que permite que os efeitos de sentido das distintas formações discursivas se mesclam em meio a contradições constitutivas dessas posições ocupadas; trata-se, portanto, de um espaço intersticial.

Dessa forma, as garotas de programa encontram-se no meio por ocuparem dois espaços opostos: tão à margem e tão dentro dos ditames sociais; elas vivem(nciam) (n)a zona. Damatta (1997) reitera que a prostituição se localiza em um espaço transitório, singular.

Mas nossos espaços nem sempre são marcados pela eternidade. Há também espaços transitórios e problemáticos que recebem um tratamento muito diferente. **Assim, tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes.** Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas **são sempre vistos como locais de transição: ‘zonas’, ‘brejos’, ‘mangues’ e ‘alagados’.** Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo (DAMATTA, 1997, p. 45 – grifos nossos).

Como dito, viver na zona é muito mais que viver da prostituição; viver na zona é experienciar o entremeio, o não-lugar ou “a terceira margem do rio” como quer

Guimarães Rosa, que nas suas *Primeiras estórias* (1962) (re)cria ficcionalmente esse espaço intermediário situando seu personagem em um contínuo suspenso, alienando-se da rotina para viver da “invenção de [...] permanecer naqueles espaços do rio de meio a meio”, numa canoa que jamais “pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio”, não mais tocando “em chão nem capim” (ROSA, 1978, p. 28-30). O sujeito experimenta os dois lados do rio e também o não-lugar do entremeio, o (des)encontro de posições discursivas antagônicas que possibilita a ancoragem em ambos os lados sem o sujeito desmoronar discursivamente. Assim, é nas fronteiras das formações discursivas, no espaço movediço, lugar da disjunção, de deslocamentos, de conflitos e de retomadas que o sujeito se encontra. Não suspenso entre uma formação discursiva e outra, mas na determinação de uma e outra.

REFERÊNCIAS

- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GADET, Françoise e HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani – 4ª Ed. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.
- LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.
- ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Fontes, 3ª edição, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. – Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 14. ed.. trad. João Dell’Anna. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1993.
- ZOPPI-FONTANA. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Revista Organon, UFRGS*, v. 17, nº35, 2003.